

Da minha biblioteca

«Só colaboro na minha morte»

Herberto Helder (1930-2015)



Adriana Nogueira

Classicista
Professora da Univ. do Algarve
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Na minha biblioteca tenho alguns livros de *Herberto Helder* (vários de *Poesia Toda, que nunca é toda*), um poeta que comecei a amar já tarde (já passava eu dos 30 anos), poeta preferido de algumas pessoas que me são muito queridas, que me ensinaram a descobri-lo e a lê-lo. Como pouco poderia acrescentar ao que tanto já foi dito e escrito aquando da sua recente morte, fica aqui uma seleção, pessoalíssima, da sua poesia.

disseram: mande um poema para a revista onde colaboram todos e eu respondi: mando se não colaborar ninguém, porque nada se reparte: ou se devora tudo ou não se toca em nada, morre-se mil vezes de uma só morte ou uma só vez das mortes todas juntas: só colaboro na minha morte: e eles entenderam tudo, e pensaram: que este não colabore nunca, que o demónio o leve, e foram-se, e eu fiquei contente de nada e de ninguém, e vim logo escrever este, o mais curto possível, e depressa, e

vazio poema de sentido e de endereço e de razão deveras, só porque sim, isto é: só porque não agora

(in *Servidões*, 2013)

[...]

A minha morte agora é uma alegria manual escrevendo escrevendo as suas musas intoleráveis.

Mas o próprio poema é que escreve o seu poeta arrancado à música, à cega e sobressaltada beleza dos acentos.

[...]

(in *Retrato em Movimento*, 1967)

Dai-me uma jovem mulher com sua harpa de sombra e seu arbusto de sangue. Com ela encantarei a noite.

[...]

(in *O amor em visita*, 1958)

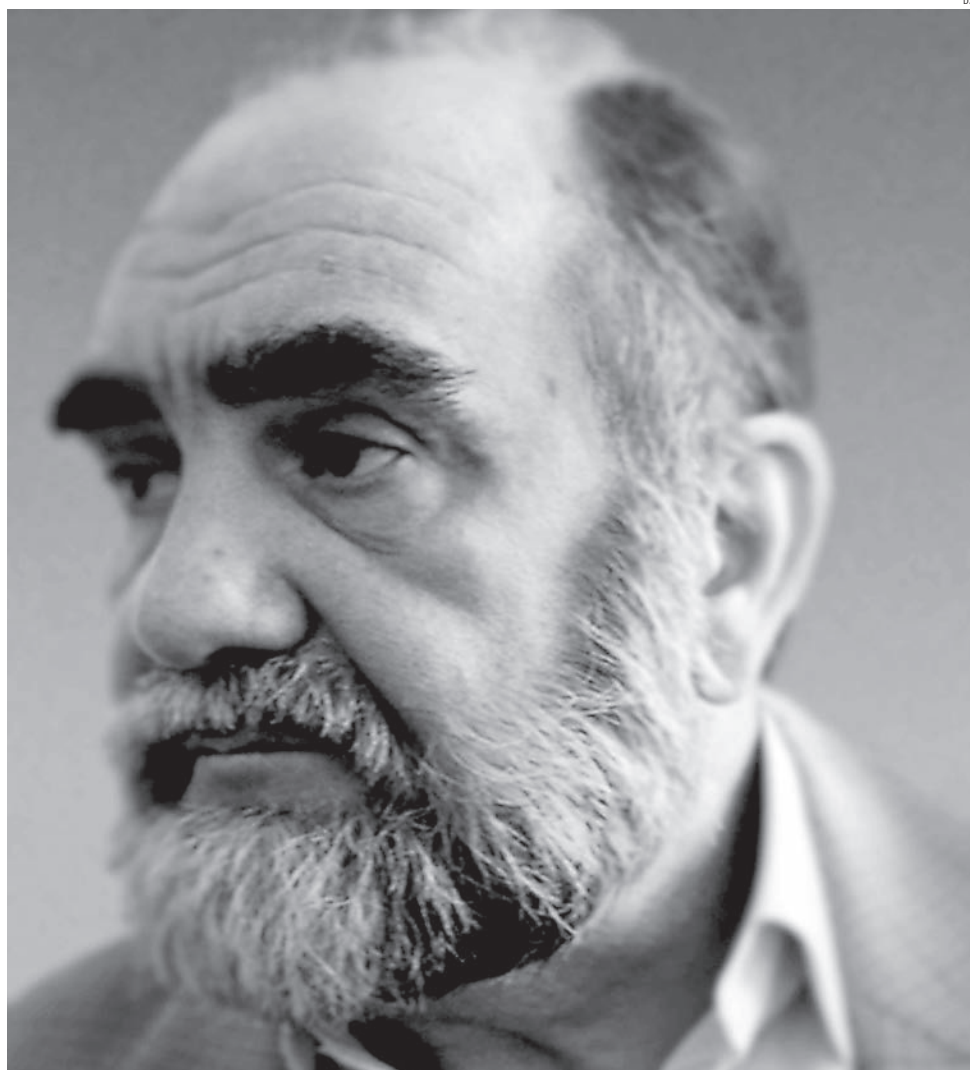
Dedicatória – a uma devagarosa mulher de onde surgem os dedos, dez e queimados por uma forte delicadeza. Atrás, o monumento do seu vestido ocidental – erguido e curvo. E o vestido trabalhava desde o fundo e de dentro – como uma raiz branca – para o aparecimento da cabeça. A paisagem posterior é de livros, todos eles de costas voltadas, dominados pelas ardentes pancadas das suas letras.

[...]

(in *Retrato em Movimento*, 1967)

[...]

Celebro a tecelagem, as mãos sombriamente embebidas no trabalho. E por cima de tudo as pedras rosas das cabeça, os cestos,



A última obra de Herberto Helder intitula-se 'A Morte Sem Mestre' ||

as liras, o pão.

E em baixo o sangue bate acendendo e apagando. E eu agora sei tudo, e esqueço muito devagar.

[...]

(in *Lugar*, 1962)

Mulheres correndo, correndo pela noite.

O som de mulheres correndo, lembradas, correndo como éguas abertas, como sonoras corredoras magnólias.

Mulheres pela noite dentro levando nas patas grandiosos lenços brancos.

Correndo com lenços muito vivos nas patas pela noite dentro. Lenços vivos com suas patas abertas como magnólias correndo, lembradas, patas pela noite viva. Levando, lembrando, correndo.

É o som delas batendo como estrelas nas portas. O céu por cima, as crinas negras batendo: é o som delas. Lembradas, correndo. Estrelas. Eu ouço: passam, lembrando. As grandiosas patas brancas abertas no som, à porta, com o céu lembrando.

Crinas correndo pela noite, lenços vivos batendo como magnólias levadas pela noite, abertas, correndo, lembrando.

De repente, as letras. O rosto sufocado como se fosse abril num canto da noite.

O rosto no meio das letras, sufocado a um canto, de repente.

Mulheres correndo, de porta em porta, com lenços sufocados, lembrando letras, levando lenços, letras – nas patas negras, grandiosamente abertas.

Como se fosse abril, sufocadas no meio.

Era o som delas, como se fosse abril a um canto da noite, lembrando.

Ouçó: são elas que partem. E levam o sangue cheio de letras, as patas floridas sobre a cabeça, correndo, pensando.

Atiram-se para a noite com o sonho terrível de um lenço vivo.

E vão batendo com as estrelas nas portas. E sobre a cabeça branca, as patas lembrando

pela noite dentro. O rosto sufocado, o som abrindo, muito lembrado. E a cabeça correndo, e eu ouço: são elas que partem, pensando.

Então acordo de dentro e, lembrando, fico de lado. E ouço correr, levando

grandiosos lenços contra a noite com estrelas batendo nas patas como magnólias pensando, abertas, correndo.

Ouçó de lado: é o som. São elas, lembrando de lado, com as patas no meio das letras, o rosto sufocado

correndo pelas portas grandiosas, as crinas brancas batendo. E eu ouço: é o som delas com as patas negras, com as magnólias negras contra a noite.

Correndo, lembrando, batendo.

(in *A Máquina Lírica*, 1964)

(a carta do silêncio) Há às vezes uma tal veemência no silêncio que urge inquirir se a poesia não é uma prática para o silêncio. [...]

(in *Photomaton e Vox*)

“PINTURA DE ANNA CUMMING”

Até 30 ABR | Casa dos Condes - Alcoutim

A artista gosta de pintar a natureza que a rodeia, recentemente começou a incluir a figura humana nas suas paisagens



“CORPO RESTRITO”

Até s3 MAI | Museu Municipal de Faro

Exposição fotográfica de Vasco Célio, com imagens inéditas dos objectos sobre modelos, Jóias da Fotografia, com o objectivo principal de colocar em diálogo os novos conceitos da Joalheria Contemporânea de Autor